

8-X-1957

MICROSCÓPIO

A Argélia e o Parlamentarismo

Raul Pilla

A questão da Argélia é — como nota o «Estado de São Paulo» — mais do que de ordem interna da França, um problema de todo o Ocidente. Mas é essencialmente um problema francês, porque a este país, não a outros, cabe resolvê-lo.

Fácil não é, não tanto por si mesmo, como pelo fato de ser a França uma democracia. Não basta, assim, nem é absolutamente necessário, que a solução adotada seja em si mesma boa; indispensável é também que a aceite a maioria da nação. Dizem os autoritários ser este o defeito do governo democrático; digo eu ser esta uma das suas grandes virtudes, pois uma boa solução repugnada pela opinião pública boa deixa de ser.

Isto é precisamente o que está sucedendo em França. A solução adotada pelo governo Bourges-Manoury parece ser a acertada, mas o país, representado por seu parlamento, não está preparado para a aceitar. Impor-lha seria um ato ditatorial. E, como não o tem direito de impô-la, o governo retira-se. Significaria isto que a boa solução está perdida? Não: outros governos se sucederão, enquanto o país não estiver preparado para aceitá-la. A própria sucessão dos gabinetes será o meio mais rápido e eficaz de levar o país a reconsiderar a questão. Isto, e somente isto, é democracia. Ou renunciemos a ela francamente, ou aceitamos as suas naturais vicissitudes.

Para o grande jornal, cujas tendências autoritárias são indisfarçáveis, a queda natural e útil do gabinete Bourges-Manoury é, porém uma nova ameaça à democracia francesa e inscreve-se na crise geral do sistema parlamentarista. Ora, não há tal crise, a não ser para os autoritários, como o general De Gaulle. Quando os publicistas europeus falam na crise do parlamentarismo (não do sistema parlamentar) querem eles referir-se a uma suposta insuficiência da democracia representativa em face da complexa situação do mundo moderno. Mas nenhuma dúvida têm eles quanto a ser a parlamentarista a mais perfeita forma de democracia representativa. Do presidencialismo, que, por eleições periódicas, legitima o arbítrio dos governantes, nem chegam a cogitar, deixando-o de bom grado aos povos americanos, que a fôlha paulista parece querer erigir em padrões de cultura política.

Não há, pois, nenhuma crise específica do sistema parlamentar, mas, quando muito, dificuldades do regime representativo num mundo em crise. E é, neste caso, um sofisma restringir ao sistema parlamentar as críticas que, sob o termo parlamentarismo, por ser o parlamento o seu órgão característico, os publicistas fazem ao regime representativo em geral e, com maioria de razão, fariam às suas formas mais grosseiras.